

# DANIEL JACARÉ

**RISCOS** Expo Individual  
Galeria do Mezanino - Torre de TV de Brasília  
Texto curatorial de Eduardo Pierrotti Rossetti

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro

Do que pássaros sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

Antonio Cicero — “Guardar”

...e para guardar também se desenha.

Daniel Correia de Brito, conhecido como **Daniel Jacaré** desenha para guardar.

Ele desenha para iluminar o desenho, mas também por ele ser iluminado.

De tanto desenhar, preencheu muitos cadernos e agora preenche telas, transforma paredes e intervém em outros suportes que possam receber seus traços e guardar a sua expressão. Assim, os desenhos guardados nos cadernos e o seu desenhar se desapegaram, se desgarraram, se desprenderam e se lançam feito o vôo de um pássaro para ocupar telas, paredes, muros, espaços públicos, ambientes residenciais e corporativos... Desenhos que ficavam guardados, perdidos da vista, passaram a ser expostos como coisas para olhar, fitar, mirar e admirar.

Os traços ariscos de Daniel Jacaré riscam o vazio dos suportes para imaginar situações, compor paisagens, configurar pessoas, lugares, edifícios ou espaços improváveis da cidade em que ele nasceu: Brasília.

Entre a escala íntima, do traço guardado a ser revelado e a escala monumental, daquilo que só o desenho pode mostrar ou fazer pensar, um universo de imagens se projetam e se misturam, numa dinâmica de caleidoscópio. Brasília aparece, desaparece, reaparece sempre, sendo a mesma e sendo outra. Mas para guardar Brasília é preciso vigiá-la. É preciso estar por ela como uma constante, a ser desenhada entre a dimensão territorial de uma situação geográfica ímpar em que está o Plano Piloto visto de cima, do alto, do olhar de um pássaro... até o olhar comum, de quem está na calçada, que atravessa suas vias, que ocupa o canteiro de obras da Esplanada e do Congresso, ou da Catedral ocupando e inventando seus espaços.

Brasília é a referência espacial constante para ele expressar com seus desenhos a sua imaginação sobre as camadas temporais não vividas, como na série “**Candangos**”, em que a evocação daqueles que primeiramente chegaram para construir e consubstanciar o projeto da cidade e sua arquitetura. Para tanto, fotografias de arquivo ou de fotógrafos conhecidos ou não, são tomadas como provocação para ele desenhar e fazer novos registros desses trabalhadores que formaram a primeira multidão da cidade.

Já a série “**Passagens**”, traz desenhos de flagrantes de sujeitos em trânsito pela cidade que habitam, que moram ou que apenas aparecem ocupando seus amplos espaços e infraestruturas como lugar de trânsito e caráter temporário. O olhar vivido de quem sabe deambular pela cidade e reconhece o outro e desenha a multidão, os transeuntes ou quem está à toa. A série evoca o anonimato dos habitantes da cidade e recobra a escala de coisa construída de uma capital que também nasceu de um desenho. Aqui, os desenhos reificam a cidade existente. O nome da série também evoca as passagens de Paris tão exploradas por Walter Benjamin, justamente no momento histórico de grandes transformações urbanas e redefinições das representações da cidade, tanto pela fotografia com seus contrastes de preto e branco, quanto pelas pinturas impressionistas, com suas pinceladas vibrantes.

Na tensão entre as duas séries, novos trabalhos de caráter abstrato trazem desenhos que vibram linhas curvas, sinuosidades e plasticidades orgânicas que definem vazios ou que podem ser preenchidas por cores, recobrando o universo formal e a potência plástica da arquitetura de Brasília, cujos vazios constroem sua singularidade.

Por isso se esboça, por isso se risca e por isso desenha. Nesse processo de especulação visual, as técnicas não se restringem e podem variar com uso de nanquim, tinta acrílica, giz pastel, aquarela ou marcadores, demonstrando assim, interesse em ampliar o domínio técnico de um processo de amadurecimento artístico que está em pleno andamento. A produção resultante de seu intenso trabalho se soma aos trabalhos de outros artistas das novas gerações que especulam, registram, inventam e expressam Brasília, recobrando seu enorme potencial formal, espacial e simbólico, recuperando ainda as cores e vibrações cromáticas das paisagens do cerrado que se transformam na época das chuvas e da seca.

Já nos traços da vida deste brasileiro que se tornou arquiteto porque tanto desenhava, novas perspectivas se abrem em uma trajetória profissional de amplas possibilidades, em que o desenho guia o fazer e o fazer-se. Portanto, se um sorriso maroto surge ao final de cada vídeo que registra seu intenso trabalho de desenhar, é apenas para comprovar a sua própria satisfação de ter alcançado o resultado esperado, ou ainda para demonstrar a alegria de ter colocado para fora e de ter exposto para todos, aquilo que antes estava guardado, mas que agora pode nos iluminar.

Eduardo Pierrotti Rossetti | Arquiteto e Professor — FAU-UnB  
Brasília, 04/novembro/2024



MEZANINO

Galeria do Mezanino - Torre de TV de Brasília  
Novembro de 2024

produção: **Quintal Laser**  
curadoria: **Flávia Rangel**  
expografia: **Flávia Rangel e Thiago Turchi**